
A IMAGEM DA MULHER NOS LIVROS DIDÁTICOS E RELAÇÕES DE GÊNERO

THE PICTURE OF THE WOMEN IN THE DIDACTIC BOOKS AND GENDER RELATIONS

Wilson Sousa Oliveira (UNEB/CAPES)¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir as questões de gênero a partir de leituras de imagens, fotografias e desenhos presentes em livros-didáticos adotados por diversas escolas no Brasil. Assim, esse trabalho pretende levar editores de imagens a (re) pensarem e a refletirem acerca da presença feminina em figuras, retratos e fotos veiculados nos livros didáticos.

Palavras-Chave: livro-didático, gênero, imagens

ABSTRACT: The present article has the intention of to discuss the gender's question from readings of images, photos and pictures presents in the textbooks required by many schools in Brazil. So, this work has intention of lead images editors to rethink and to reflect about the female presence in picture, images and photos ruining in the books didactic. about gender from pictures, photo and images of the women that appear in the textbook of public and private schools in Brazil.

Keywords: Didactic books, Gender, Pictures

INTRODUÇÃO

No anseio de práticas democráticas e justas o espaço escolar nos últimos tempos se configurou como o local de discussão de saberes, disseminação de conhecimentos, como também se constitui em espaço de discussões em que se fomenta a crítica no sentido de

¹Mestrando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia – Campus de Alagoinhas, Bahia. Linha de Pesquisa: Margens da Literatura. Orientador: Prof^o Dr^o- Osmar Moreira Santos
E-mail:sowwsa@hotmail.com

produção de sujeitos capazes de refletir o mundo em seus constantes processos de transformações.

Logo, é de extrema relevância que todos os aspectos sociais que envolvem o ambiente escolar se tornem matéria de discussão assim como também todos os recursos materiais ou não que fazem parte do contexto educacional passe pelo crivo da observação atenta por todos os membros que compõem a esfera da educação.

Nesse sentido, em se tratando da questão de gênero, mais precisamente no que diz respeito à participação e retratação da mulher nas imagens do livro-didático, a questão vem ganhando relevâncias dignas de interpelações e observações críticas. É notório o quanto a figura da mulher tem ganhado contornos nos últimos anos. O caráter de subserviência do feminino, as questões de direitos, entre tantos, se constituíram como elementos primordiais para a discussão da participação feminina num mundo de dominação e hegemonia masculina.

ESTUDO DE GÊNERO, SALA DE AULA, E LIVRO-DIDÁTICO

À frente de todo desenvolvimento seja ele econômico, político ou acadêmico, a questão da pesquisa se torna a mola propulsora para o sucesso de um país. Nesse interim, entra em voga o papel e a atuação do professor como agente condutor de um processo em que significativamente terá o aluno e toda a sua carga de vivências, como elemento centro das ações do trabalho desse profissional. A escola é, então, a instituição legalmente reconhecida como mediadora da criação de uma sociedade justa, participativa e criadora de sujeitos politizados para atuarem de forma sistematizada em embates sociais nos quais esses elementos: escola-educador-aluno estão inseridos. A escola apresenta-se, então, como um ambiente propício para o confronto entre os gêneros, uma vez que se tem dentro dela profissionais e alunos de ambos os sexos e de gêneros distintos.

É, então, relevante o papel da escola e das professoras e professores na construção e/ou manutenção das representações estereotipadas ou não das relações gênero.

Em se tratando de um espaço possível de relações e onde reina a busca pelo conhecimento e seus diversos embates, a sala de aula não pode ser vista como um lugar comum, corriqueiro, pois as relações ocorridas nesse lugar não podem somente serem tidas como amistosas. Nesse sentido, quão relevante se torna o estudo das questões de gênero a partir da abordagem do uso e adoção do livro-didático. O que se nota é a força relevante desse recurso didático na formação cultural de nossos alunos. Ainda, como que o fato de ter diariamente o livro em mãos, esse gesto se torna como um fazer de alta contribuição na interação com os saberes e lições arroladas pelos livros utilizados nas escolas. Desde muito tempo o livro-didático tornou-se demais influente nas relações no ambiente escolar. A partir dos conteúdos trazidos por eles, o enfoque nas metodologias, até, enfim, a grande quantidade de imagens trazidas pelos livros, tem despertado fortemente a curiosidade do alunado. Percebe-se que a forma como o livro-didático é concebido e que assim se faz chegar às escolas, nada mais nada menos se constitui como um retrato das concepções de mundo imaginadas pelos membros da sociedade civil: preconceitos, tabus, usos e costumes, práticas e vivências são todos assim retratados pelo livro-didático. Estudos com famílias brasileiras (Bernardes, 1995; Hileshiem, 2004; Narvaz, 2005; Szymansky, 1977) apontam estereótipos acerca da divisão do trabalho dentro do ambiente doméstico de acordo com o sexo da pessoa e demonstram a tradicional distinção entre os papéis do pai e o da mãe na chamada família nuclear, formada pelos pais e seus filhos dependentes.

Dessa forma, as questões de gênero e sexualidade, através das imagens e textos dos livros didáticos, não deixaram de ser pensadas de maneira diferente da forma com que a sociedade patriarcal e conservadora sempre a concebeu. As discussões relacionadas às questões de feminismo e gênero ganham importante relevância a partir da década de 80 possibilitando assim uma ampliação de pesquisas na história de mulheres, lutas e representações.

O termo gênero surge na academia em substituição à palavra Mulher, no momento em que o termo feminista buscava desnaturalizar a condição da mulher na sociedade, bem como adentrar, em alguns ramos da ciência onde o estudo sobre mulheres não eram bem aceitos.
(CASAGRANDE; CARVALHO, 2005, p.02)

Gênero é uma construção social. E como tal, produz e reproduz relações de poder. Pode se dizer que os papéis atribuídos a homens e mulheres variam de acordo a sociedade da qual fazem parte, dependendo da cultura, do ambiente social, enfim, da sociedade em que as pessoas estão inseridas. Isto não se pode perder de vista.

A criança, ao nascer, é do sexo feminino ou masculino, ao ser submetida ao convívio social o gênero vai sendo definido e pode ser diferente do sexo. Ela pode vir a ser do gênero masculino, feminino, homossexual, transexual, bissexual, dentre outros e o fato de a pessoa pertencer a um ou outro gênero não define sua capacidade intelectual e/ou suas habilidades manuais. (CASAGRANDE; CARVALHO, 2005, p.02)

Sabemos também que a identidade de gênero é fruto, acima de tudo, da repetição de atos performáticos. “O gênero pode ser entendido somente através de um exame detalhado dos significados de ‘masculino’ e ‘feminino’ e das consequências de ser atribuído a um ou outro gênero dentro de práticas concretas” (FLAX, 1992, p. 230). A produção histórica envolvendo gênero emerge como um componente importante para superar as discriminações construídas ao longo de nossa história.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1998) em seus temas transversais prevêm a discussão das questões de gênero no ambiente escolar. A conceituação de gênero constante nos PCN's é o “conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos” (1998, p. 320) o que converge para o argumento dos teóricos de gênero aqui referenciados.

Bock, Furtado & Teixeira ressaltam o papel da escola na formação das alunas e dos alunos e argumentam que:

Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (2001, p. 261).

É necessário que o professor provocador seja esse elemento politizado, insinuante que instigue o debate e que proponha a todo o momento questões que descentralizem os modos comuns de pensar, de fazer e balance as bases em ações provocativas.

Ainda, com relação ao papel da escola na formação dos alunos,

a escola ocupa [...] um importante papel como instituição social perpetuadora de discursos que mantêm relações de poder entre grupos humanos. [...] acabam por generificar atributos que, a priori, podem privilegiar, indistintamente, qualquer indivíduo, seja ele homem ou mulher, pobre ou rico, preto ou branco (CAVALCANTI, 2003, p. 184)

E Moreno argumenta que instituições como Ciência e Educação não são neutras e, longe disso, a educação

em cada momento histórico, determina os modelos e os padrões de conduta dos novos indivíduos, ensina-lhes o que cada um é e indica-lhes em que consiste a “realidade” e a forma adequada de aproximar-se dela, de julgá-la, de analisá-la, de conhecê-la e de acreditar nela” (MORENO, 1999, p. 22).

Observa-se, então, como que as relações travadas no interior das salas de aula podem produzir efeitos de formação social, formação de cidadania e enfim, o quanto podem contribuir enormemente para a edificação do alunado enquanto pessoa. Impressões deixadas ou captadas nos ambientes de sala de aula, negativo ou positivamente poderão se constituírem em marcas profundas que vão acompanhar influenciando na vida de qualquer aluno pelo restante de suas vidas. Auad (2003, p. 32), considera que “assumindo as diferenças que existem entre as crianças dos variados gêneros, torna-se mais fácil evitar que tais diferenças se traduzam em desigualdades, em dominação de um gênero sobre outro.”

A autora defende que a escola cumpra seu papel democratizante, e sugere que o professor situe os alunos na prática social, trabalhando com textos que focalizam diversos temas sociais. Privilegia a escola como espaço de transformação das práticas discursivas de exclusão, ao mesmo tempo em que reconhece que esta não é o único lugar de construção

de identidade. É exatamente por conceber identidades sociais como algo mutável que podemos constituir novos significados nas diversas práticas sociais nas quais atuamos.

Pensemos numa educação estética a partir das reflexões de João Francisco Duarte Jr. "A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Na educação joga-se com a construção do sentido - do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional comprometemo-nos com a nossa 'visão de mundo', com nossa palavra. Estamos ali em pessoa - uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de ideias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente." (1991, p. 74).

Dessa forma, sentimos o quanto é envolvente e significativa o contato social estabelecido entre alunos e alunas em sala de aula quando se percebe que por esse espaço passam todas as contribuições que fatalmente culminam na formação como pessoa, ser e sujeito atuante nas diversas esferas no contexto social. É nesse sentido que dentre todas as possibilidades cabíveis de discussão em sala de aula, reconhecido como um espaço democrático, a questão de gênero se torna como um dos assuntos mais referendados no espaço escolar.

Para isso, é demais valioso que se pense como que o livro didático e toda a configuração que ele traz, o uso de imagens principalmente, contribui para o reforço de estereótipos, tidos como verdades, impostos pela sociedade. Percebe-se que as relações de gêneros veiculados nos livros-didáticos cumprem fielmente o papel que a sociedade designou ao homem e à mulher separando suas atividades, lugares de atuação, questões relacionadas à profissão e outros. Assim, é demais importante a discussão da questão "gênero" em sala de aula quando se constata que em termos de identidade sexual, a escola e a sociedade têm expectativas definidas em relação ao papel do menino e da menina. As questões relacionadas a gênero decididamente passam pelos costumes e práticas de uso, adoção e utilização do livro-didático em nossas escolas.

O livro didático brasileiro, ainda hoje, é uma das principais formas de documentação e consulta empregadas por professores e alunos. Nessa condição, ele tem impactos sobre o trabalho pedagógico e sobre o cotidiano da sala de aula. Ainda, de acordo com o Guia, “é fundamental dispor de um livro didático diversificado e flexível, sensível à variação das formas de organização escolar e dos projetos pedagógicos, assim como às diferentes expectativas e interesses sociais e regionais. (BRISOLLA, 2007, p, 905).

É preciso aguçar os sentidos na percepção do quanto cada imagem, cada desenho impresso no livro-didático pode contribuir na formação educacional de cada aluno que entra em contato com esse material. “O papel do livro didático, na vida escolar pode ser o instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado.” (BITTENCOURT, 2004, p.73). Nesse sentido, ele (o livro didático), pode se constituir em meio à formação dos alunos e alunas, na formatação em que se institui e quanto à visão da mulher, pode ser visto como um lugar de resistência.

O livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de ideologia, de cultura. Várias pesquisas demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando tema, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa. (BITTENCOURT, 2004, p. 73).

Uma questão muito agravante a esse respeito é a constatação de que o livro-didático tornou-se, em muitas regiões do país, a ferramenta quase que única no auxílio ao/à Professor/a na preparação de suas atividades escolares. Assim, ele é o responsável por dar ao/à Professor/a todo suporte inerente à vida profissional. Depreende-se disso, a força que esse material possui a partir do momento em que o livro se encontra circulando livremente de mão em mão com alunos e alunas como objeto de manuseio, de pesquisa, de curiosidade e para Professores e Professoras como recurso principal na preparação de atividades pedagógicas.

O livro didático tem sido, desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aulas e condições pedagógicas, servindo como mediador entre a proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor. (BITTENCOURT, 2004, p.72).

Não se pode em nenhum momento subestimar a força que capacita ao livro-didático em disseminar valores, reafirmar posições, designar papéis e assim torná-lo como agente multiplicador cultural capacitado a ser objeto de ratificação de tudo que já está imposto socialmente. Para JAILMA PEDREIRA (2011, p. 339), a partir da leitura de autoras como Costa, Sardemberg e Vanin (2010) “o momento é de luta pela institucionalização, em processo, dos estudos de gênero e essa dinâmica já aponta desafios que não devem ser menosprezados. Segundo as autoras é preciso prestar atenção em todo o cotidiano escolar e os elementos e atividades que dele fazem parte como possibilidades de repetirem práticas discriminatórias e juízos de valores excludentes sobre determinados grupos culturais e sociais.”

O livro didático é um artefato cultural, isto é, suas condições sociais de produção, circulação e recepção estão definidas com referência a práticas sociais estabelecidas na sociedade. Enquanto tal, ele possui uma história que não está desvinculada da própria história do ensino escolar, do aperfeiçoamento das tecnologias de produção gráfica e dos padrões mais gerais de comunicação na sociedade (MARTINS, 2007, p.07).

O fato de que a escola esteja inserida num contexto social, ela torna-se o centro irradiador responsável pelas mentalidades que irão se tornar capazes de refletir criticamente sobre a realidade que os cerca. Dessa forma, a escola deve ser a entidade principal capaz de agregar os valores sociais abrindo suas portas às múltiplas variedades de manifestações culturais e artísticas brotadas no meio social da qual ela faz parte. Não escolhendo para seu bojo raças, crenças, credos ou quaisquer outras aptidões. Porém, SILVA (1992, p.140) constata, que “entre as lições acumuladas sobre seleção, organização e distribuição do

conhecimento escolar, o conhecimento transmitido na escola é distribuído de forma desigual entre as diferentes classes e os diferentes grupos sociais.”

CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Nota-se nesse trabalho, como que as diversas alusões feitas às mulheres nos livros didáticos e em outros contextos em que essas estão envolvidas, as funções de homens e mulheres são apresentadas tais quais a sociedade já os determinou. Os trabalhos das meninas, mesmo em brincadeiras, são aqueles mais detidos, deixando a menina sempre em menos movimento, induzindo ao menor esforço, enquanto que o trabalho ou brincadeira dos meninos reporta ao esforço físico, à movimentação, ou seja, àquela função de sempre decidir é do homem, enquanto que a mulher fica pensativa esperando que o homem determine e decida. Desta forma, a função da mulher é, nesta visão, cuidar da família, e para isso a menina é educada desde pequena quando é incentivada a cuidar de suas bonecas como se fossem bebês, a fazer comidinha, a brincar de casinha, brincadeiras estas voltadas para o lar, ou seja, para a esfera privada. Por outro lado, os meninos são incentivados a brincar de carrinhos, empinar pipas, jogar videogames, praticar esportes coletivos, como o futebol, por exemplo, enfim, brincadeiras que exigem tomadas de decisão, voltadas para a rua, isto é, para a esfera pública. Em suma, meninas e meninos são socializados de forma diferenciada e é “normal” que diante da vida, quando adultos, tenham posturas, ações e reações distintas.

Logo, espera-se que os idealizadores de criação dos livros-didáticos (re) pensem seus atributos acerca da concepção do livro-didático principalmente no que diz respeito às imagens que retratam a função, o papel e o desempenho da mulher dentro da sociedade que hoje já são outros, embora ainda muito tímido, e que canalizem atenções para uma sociedade em permanente estado de mudanças.

Ao representar os gêneros de forma distinta e desigual, os livros didáticos podem contribuir para a construção e manutenção das desigualdades de gênero que, por sua vez, contribuem para a construção e manutenção de outras desigualdades sociais. Contribuem também para a socialização diferenciada de meninos e meninas. Desta forma, pode-se

concluir que, ao representar homens e mulheres de forma distinta, os livros didáticos estão contribuindo para a construção de imagens estereotipadas de homens e mulher, visto que a escola é o lugar onde as pessoas aprendem a se conhecer e reconhecer, (LOURO, 2001) e o livro didático, uma ferramenta muito utilizada para o ensino e aprendizagem.

Logo, sensibilize-se para questão de que essa poderosa ferramenta, o livro-didático, pode muito mesmo contribuir para a formação social do homem, da mulher e que as imagens veiculadas por eles se constituem em verdadeiras fortalezas potencializadas a oferecer a todos e a todas ferramentas eficazes que podem determinar rumos, vidas, destinos. E que o papel da escola não pode ser o de discriminar, dissocializar e nem fortalecer laços de exclusão.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela. **Feminismo: Que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística.** São Paulo, Cultrix. 1975.
- BOCK, A. M. B., FURTADO, O. & TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia.** 13. ed., São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, p. 19-41, 1998.
- Brisolla, Lívia. **O Livro didático não morreu. Estará agonizando? Aproximações Teóricas Sobre um Objeto de Estudo.** 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – 24 a 28 de setembro de 2007 – Florianópolis.
- Disponível em: <http://www.anpap.org.br/2007/artigos/092.pdf> Acessado em: 20/09/2010.
- CASAGRANDE, Lindamir Salete & CARVALHO, Marília Gomes de. Educando as novas gerações: **Representações de gênero nos livros didáticos de matemática.** GeTec/PPGTE/UTFPR. GT: Gênero, Sexualidade e Educação/ n. 23, CEFET/PR.
- CAVALCANTI, E. L. S.. A apreensão do conhecimento escolar numa perspectiva de gênero. In: FAGUNDES, T. C. P. C. **Ensaio sobre Identidade e Gênero.** Salvador: Helvécia, 2003, p. 177-210.
- DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação.** Campinas SP: Papyrus, 1995.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: **Hollanda, Heloísa Buarque de (org.) Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro:Rocco, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARTINS, Raimundo. **A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver**. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, pp. 19-40.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Trad.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Feminismos locais na sala de aula. In. SANTOS, Cosme Batista dos; GARCIA, Paulo C. S.; SEIDEL, Roberto H. (Orgs.). **Crítica Cultural e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

NARVAZ, Martha Giudice e KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. *Psicologia e Sociedade*, volume 18, n.1, pp. 49-55, jan-abr/2006.

SANTOMÉ, Jurjo T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. IN. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Recebido: 17/09/2011

Aceito: 04/10/2011